

ENSAIO

O texto pretende situar a passagem da crítica do esclarecimento (nas concepções do iluminismo e racionalismo) e a reflexão sobre a gênese do racismo e demais formas de discriminação, na ênfase do pensamento da Escola de Frankfurt, estabelecendo-se uma relação entre violência, tortura, vida nua e repressão da mimesis no pensamento esclarecido.

Há um trecho especialmente apropriado na obra de Adorno e Horkheimer, *Dialética do Esclarecimento*, item V do capítulo “Elementos do Anti-semitismo. Limites do Esclarecimento, 1. Edição) que nos servirá de referência para o desenvolvimento das idéias .

In verbis:

Os proscritos despertam o desejo de proscrever. No sinal que a violência deixou neles inflama-se sem cessar a violência. Deve-se examinar aquilo que se contenta em vegetar. As reações de fuga caoticamente regulares dos animais inferiores, a formigação das multidões de insetos, os gestos convulsivos dos martirizados exibem aquilo que, em nossa pobre vida, apesar de tudo, não se pode dominar inteiramente: o impulso mimético. É da agonia da criatura, no pólo extremo oposto à liberdade, que aflora irresistivelmente a liberdade enquanto determinação contrariada da matéria. É contra isso que se dirige a idiossincrasia que serve de pretexto ao anti-semitismo (op. Cit. p.171).

A discussão dos *Elementos do anti-semitismo* através de teses, com aqui se colacionou, anunciam Adorno e Horkheimer no Prefácio da *Dialética do Esclarecimento*¹, trata do retorno efetivo da civilização esclarecida à barbárie. Há uma tendência, refletem os autores, prática à autodestruição que caracteriza

a racionalidade desde o seu início. O irracionalismo é derivado da essência da própria razão dominante e do mundo correspondente a sua imagem.

O estudo se insere em uma doutrina crítica da sociedade, à luz do ideal dialético de uma humanidade futura que seja livre e desalienada. Em outra: os autores conduzem uma forma de pensamento negativo tendente a desmascarar as contradições do “status quo”².

Na esteira de uma incipiente contextualização deste trabalho no estudo dos *Elementos do antisemitismo* registre-se que Adorno e Horkheimer se reportam aos modelos teóricos básicos do hegelismo, marxismo e freudismo. Da tradição hegeliano-marxista a Escola de Frankfurt extrai a noção de dialética, que interpreta e desenvolve nos moldes e na forma de uma dialética negativa³. De Freud e da psicanálise os autores abeberam-se de instrumentos conceituais para a digressão das pulsões, mimesis, morte, regressão, etc. A teoria crítica, do ponto de vista histórico, define-se aqui, em especial, sobre o triunfo do fascismo e nazismo. Acontecimento que é interpretado como manifestação diferente de uma mesma racionalidade “iluminista” que caracteriza o Ocidente e a sua lógica do domínio.

Dessume-se, na verdade, em relação à própria história da razão empreendida por Adorno e Horkheimer, na *Dialética do Esclarecimento*, dois modelos de pensamento diferentes⁴: um modelo dialético lógico, nos moldes, como visto, hegeliano (*Selbstreflexion* e da *Selbstzerstörung*), segundo o qual racionalidade iluminista (*Aufklärung*) e mitologia se negam e se pertencem mutuamente. E um segundo modelo, mais linear e histórico, pelo qual a razão esclarecida ameaça retornar, regredir na mitologia ou, igualmente, como descrevem os autores no

¹ Adorno; Horkheimer. *Dialética do Esclarecimento*. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, pág. 15.

² Verbete “teoria crítica da sociedade”. *Dicionário de Filosofia*. Nicola Abbagnano. São Paulo: Martins Fontes. 2007, pág. 1128.

³ Contraponto à dialética positiva e idealista de Hegel baseada na separação entre sujeito e objeto, conceito e coisa, real e racional: “A dialética é a consciência resultante da não identidade”, ou seja, “uma negação da negação que não transpõe em posição “ (*Dialética*

negativa, 1966, trad. It., Einaudi, Turim, 1982, pp 5 e 367). Este tipo de dialética sem síntese, que coincide com um pensamento respeitoso dos direitos do “particular” e do “diferente”, é o mesmo que uma filosofia contestadora do existente. Adorno considera que depois de Auschwitz a função da filosofia já não é justificar, mas criticar e incomodar. Idem nota anterior, pág 323, verbete *Dialética negativa*.

⁴ Jeanne Marie Gagnebin. *Uma filosofia moral negativa* ? .Kriterion: Revista de Filosofia. Vol. 29, nº 117. Belo Horizonte. 2008.

Prefácio citado, na barbárie. Há, portanto, um modelo de reversão dialética e um outro modelo subjacente, o da regressão histórica. Importa anotar uma oscilação destes modelos que permeia este pensamento: o estatuto ontológico do mito e do mítico, que é incerto, oscila entre uma negação dialética da razão e uma determinação mais substancial e irreduzível (Auschwitz) que a *Aufklärung* busca extirpar.

Introdutoriamente, desta forma, estabelece-se as primeiras diretrizes no objetivo de situar a passagem da crítica do esclarecimento e a reflexão sobre a possibilidade do racismo, nazismo e do anti-semitismo no objetivo, ainda, de uma relação entre violência, tortura, vida nua e repressão da mimesis no pensamento esclarecido.

É necessário, assim e por primeiro, o entendimento da retomada e transformação da crítica platônica ao conceito de mimesis levada a cabo por Adorno, principalmente, e Horkheimer na *Dialética do Esclarecimento*⁵.

Adorno busca na psicanálise e na etnologia o fundamento para caracterizar a mimesis como um comportamento regressivo.

Em Freud a regressão remete à pulsão morte, a um desejo de dissolução do sujeito no nada. Na obra *Além do princípio do prazer* o psicanalista procura uma indispensável legitimação junto à biologia para afirmar o caráter ontologicamente originário da morte, em relação à vida, uma vez que o *pulsional* é o signo de uma inscrição da tendência à morte no âmago de todo o ser vivente. Ou numa formulação mais radical, Freud recorre à biologia para garantir a plausibilidade da tese de uma *prioridade ontológica* da morte sobre a vida, a partir da teoria que vincula o princípio do prazer à natureza regressiva do pulsional, manifestada nos fenômenos da compulsão à

repetição⁶ (conceito este que se retomará mais adiante).

Freud considera que, na ocorrência do reconhecimento explícito da morte, quando, enfim, essa imantação radical é desvelada (uma atração irresistível para o vazio), um outro pólo adquirirá uma força inusitada, qual seja, a *vida*.

Na etnologia, em especial Roger Caillois e Marcel Mauss⁷, os autores da *Dialética do Esclarecimento* extraem o conceito do comportamento mimético caracterizado como uma conduta regressiva de assimilação ao perigo, na tentativa de desviá-lo. No intuito de se livrar do medo o sujeito renuncia a se diferenciar do outro que receia para, ao imitá-lo, aniquilar a distância que os separa.

A oscilação já mencionada (entre uma negação dialética da razão e uma determinação mais substancial e irreduzível) acha-se presente, igualmente, no conceito chave de mimesis na *Dialética do Esclarecimento*⁸. Há distinção de Adorno de dois momentos conceituais na mimesis. Com efeito, a primeira mimesis, ligada à magia, ao mito, tem por objetivo a defesa do bicho homem ameaçado contra inimigos exteriores (como o Ciclope de Ulisses). Na tentativa de afastar-se do perigo o homem primitivo se assemelha ao homem, suprimindo a diferença entre si e o ambiente. É uma forma arcaica de auto-conservação: a vida paga o tributo de sua sobrevivência assimilando-se ao que é morto. Simultaneamente, estas práticas mágicas proporcionam prazer originado da dissolução dos limites do eu na indiferenciação da matéria (entrega aos prazeres primevos das sensações, ao lúdico). Esta dualidade dá a nota da interpretação alegórica do episódio das *Sereias*. Ulisses atravessa atado ao mastro, enrijecendo-se para a auto-conservação e, demais, explora os remadores.

⁵ Jeanne Marie Gagnebin. *Do conceito de mimeses no pensamento de Adorno e Benjamin*. Perspectivas, São Paulo, 16:67-86, 1993.

⁶ Oswaldo Giacóia Junior. *Além do princípio do prazer. Um dualismo incontornável. Para Ler Freud*. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro: 2008 pag. 65.

⁷ Interessante anotar o significado para este autor do sacrifício e expiação de grupos. Os executores do sacrifício encontram nele sua vantagem. Eles se conferem a si e às coisas que lhes dizem respeito de perto, a força social completa. Encontram no sacrifício o meio de restabelecer os equilíbrios perturbados: pela expiação

resgatam-se da maldição social, consequência da falta, e tornam a entrar na comunidade; pelas retiradas por conta das coisas cujo uso a sociedade reservou, adquirem o direito de gozar delas. A norma social é, portanto mantida sem perigo para eles, sem diminuição, para o grupo. Assim a função social do sacrifício é preenchida tanto para os indivíduos como para a coletividade. Marcel Mauss. *Ensaio de Sociologia. Ensaio sobre a natureza e função do sacrifício*. Perspectiva. São Paulo: 2009, pág. 227.

⁸ Idem nota 5 de rodapé.

No quinto fragmento dos *Elementos do anti-semitismo* a história de repressão desta mimesis originária -perigosa/prazerosa- esclarece a gênese de uma segunda mimesis, a mimesis da mimesis⁹, a única permitida pela civilização iluminista, que está na raiz da identificação do indivíduo como Führer, por intermédio de uma encenação coletiva, utilizando-se de uma “disciplina ritual” e de formas sempre idênticas e de repetição¹⁰ (Freud). O cerne da obediência nazista, pontua Adorno, e do ódio racista, deve ser procurado nesse núcleo originário que transforma a desagregação mimética primeva, simultaneamente ameaçadora e extática, numa mimesis segunda, definida pela rigidez da identidade e pela conseqüente exclusão do outro. Esta identificação mimética perversa precisa, para o seu sucesso completo, encontrar um objeto de execração. No caso, o povo hebreu. Ou ainda: os negros, os pobres, os presos, os homoafetivos e demais grupos sociais que são objetos de execração.

Esta repulsão incontável e de que não se é capaz, inclusive, de controlar em relação a algo exterior, no caso dos grupos acima mencionados, traduz-se do que Adorno considera uma justificativa: a idiossincrasia, cujos motivos remetem àquelas origens explicitadas nos momentos da proto-história biológica a que Freud se dedicou. “Sinais de perigo cujo ruído fazia os cabelos se eriçarem e coração cessar de bater”¹¹. Há, portanto e como se viu, um escape do domínio do sujeito o que o leva a uma assimilação à imóvel natureza do ambiente e só é capaz da relação mais exterior, a espacial, diz Adorno. O espaço, então, é a alienação absoluta, porquanto o humano quer se tornar como a natureza, enrijecendo-se contra ela (Ulisses atado ao mastro).

Neste passo, a civilização substituiu a adaptação orgânica ao outro pela manipulação organizada da mimesis (a mimesis, portanto, é um processo necessário à construção da civilização, mas que também oprime a

possibilidade de uma convivência digna) e, por fim, na fase histórica, pela práxis racional, ou seja, o trabalho. É da condição da civilização¹², pontua Adorno, a proibição dos dominadores da mimesis prazerosa aos trabalhadores (proscrição social dos atores, ciganos, etc.). A educação social e individual reforça nos homens seu comportamento objetivamente enquanto trabalhadores e os impede de se perderem nas flutuações¹³. Toda a diversão, o abandono, apresenta algo de mimético e foi se enrijecendo contra isto que o ego se forjou. É através de sua constituição que se realiza a passagem da mimesis refletora para a reflexão controlada e, destaque-se, esses mecanismos de proibição são tanto mais intensos quando tentam impedir não só a recordação do medo primitivo, mas também a lembrança dessa felicidade originária que se experimenta, como alhures se consignou, na dissolução dos limites subjetivos¹⁴.

A assimilação física, desta forma, prossegue Adorno, é substituída pela *reconhecimento do conceito*, a compreensão do diverso sobre o mesmo. A sociedade, preconiza o autor, é um prolongamento da natureza ameaçadora enquanto compulsão duradoura e organizada que, reproduzindo-se no indivíduo uma auto-conservação conseqüente, repercute sobre a natureza enquanto dominação social da natureza. A ciência agora é aquela repetição freudiana aprimorada como regularidade observada e conservada em estereótipos. Esta técnica, defendem os autores da *Dialética*, automatiza os processos espirituais tornando as manifestações humanas controláveis e compulsivas. Desta forma, da assimilação à natureza resta somente o enrijecimento contra ela e a proteção e rejeição hoje é dominação cega desta natureza.

Os traços miméticos, para Adorno, na civilização que ascendeu a natureza, são transformados em tabus, naquele conceito mesmo psicanalítico aqui colacionado. Uma neurose obsessiva justificada pela

⁹ Idem nota anterior.

¹⁰ No testemunho pungente de Primo Levi, no livro *É isto um homem?*, bem se ilustra este mecanismo de repetição por meio da mesma canção tocada em horários exatos, diuturnamente, na Praça da Chamada. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

¹¹ Adorno; Horkheimer. *Dialética do Esclarecimento*. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, pág. 149.

¹² Grifos não do original.

¹³ *Im auf und nieder*, idem nota 4 de rodapé.

¹⁴ Jeanne Marie Gagnebin. *Do conceito de mimeses no pensamento de Adorno e Benjamin*. Perspectivas, São Paulo, 1993, pág. 75.

idiosincracia, validada por uma necessidade interior, no temor de uma possibilidade de deslocamento e contágio dos objetos proibido, criando-se práticas cerimoniais e mandamentos derivados das proibições¹⁵ e o desejo de violá-los persistindo no inconsciente, já que existe uma atitude ambivalente ao proibido: temido e desejado.

Aquilo que se repele por sua estranheza é, na verdade, demasiado familiar.

Na vida exposta a toda sorte de violência, o que desencadeia o ódio do torturador, daquele que discrimina é a identificação da sua mesma origem material, animal e desordenada com a da vítima. É a pulsão da morte atraída como se fosse necessária à manutenção da vida, no fundamento das preleções de Freud anteriormente mencionadas.

Lançadas, desta forma, tais considerações, neste passo, pode-se apreender minimamente o significado do trecho do texto sugerido, inserido no fragmento quinto do capítulo *Elementos do Anti-semitismo*: há um mecanismo de fazer aos temidos aquilo que se teme, mecanismo este nas lições de Adorno, explicado por impulsos miméticos, pelos tabus. Almeja-se no torturado ou na vítima de violência a liberdade e a cidadania de que foram retirados pelo processo civilizatório.

Exsurge mesmo das considerações até aqui alinhavadas a constatação de que mencionado processo civilizatório, a *Aufklärung*, na verdade, ao revés de oferecer uma condição humana emancipatória, acaba por engendrar o homem a uma racionalidade técnica e instrumental escravizadora.

Ao invés de ajudá-los a alcançar a tão desejada liberdade, o Esclarecimento sujeita os homens tantos aos poderes econômico-sociais, em uma lógica de domínio (Marx) quanto aos poderes econômico-psíquicos (Nietzsche e Freud)¹⁶.

Inicialmente já se consignou que a teoria crítica, propugnada por Adorno e Horkheimer, extrai de Freud e da psicanálise instrumentos conceituais; técnicas mesmo para o entendimento do humano e da humanidade. A interpretação alegórica, não obstante

desacompanhada do rigor filosófico, é “salvadora” e mais democrática¹⁷ e se insere nesta metodologia adotada pela Escola de Frankfurt. A releitura do episódio de Ulisses e as sereias talvez seja o mais emblemático do pensamento dialético de Adorno e Horkheimer.

Oportuna a citação da seguinte passagem do texto *Resistir às Sereias*.

Ulisses deve passar pelo aprendizado de inúmeras renúncias, que a seqüência dos vários episódios da Odisséia representa alegoricamente, para poder chegar a Ítaca e aí conseguir reapropriar-se da realeza, da esposa e do filho, isto é, para conseguir constituir-se em sujeito adulto¹⁸ com uma identidade assegurada. No cerne dessa história de renúncia e, simultaneamente de constituição do sujeito, o episódio das Sereias oferece como que uma condensação de todo o desenvolvimento a *Aufklärung*: “As medidas tomadas por Ulisses quando seu navio se aproxima das Sereias pressagiam alegoricamente a dialética do esclarecimento.”

As tentativas de fundamentação e de justificação racionais das categorias políticas, sociais ou econômicas, por si só, não explicam a barbárie de Auschwitz. Não são exitosas para entender este episódio, pode se concluir na leitura do capítulo *Elementos do anti-semitismo*. Não explicam a redução à vida nua das vítimas dos campos e a crueldade dos carrascos nazistas, dos torturadores e qualquer outro agente de violência principalmente discriminatória.

Depreende-se, ainda, da análise de Adorno, que nada adianta, igualmente, a construção de um edifício normativo na tentativa de impedir este horror.

Sob este ponto de vista jurídico, parece ser também o entendimento de Giorgio Agamben¹⁹. A este autor de nada serve apelar ao caráter sagrado da vida como o núcleo de um direito fundamental, visto que a autoridade do poder do Estado se constitui e se consubstancia, justamente, ao traçar a partilha entre a vida que merece viver e aquela que pode ser exterminada (*homo sacer*). O Estado Moderno, construído

¹⁵ Sigmund Freud. *Totem e tabu* (1913). Obras psicológicas completas: Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

¹⁶ Jeanne Marie Gagnebin. *Resistir às Sereias*. Publicado na *Revista Cult*, Ano VI, no. 72, pp. 51-55

¹⁷ Idem nota anterior.

¹⁸ Grifos não são do original.

¹⁹ Giorgio Agamben. *Homo sacer. O poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2007.

na ascendência da racionalidade iluminista parece, de um lado, ser um protagonista de conquistas no patrimônio da história da humanidade porque inseriu nos ordenamentos jurídicos internacionais e nacionais, a proteção individual dos direitos fundamentais unificados pelo valor da pessoa humana, da sua dignidade (art. 1º da Constituição Federal Brasileira) e, no entanto, este mesmo Estado, está imbricado na ambigüidade e essência da condição matável e insacrificável do *homo sacer*. Segundo Agamben, vivemos sob um regime biopolítico cada vez mais recrudescido e saturado, no qual a dinâmica da proteção e destruição da vida por meio de sua inclusão e exclusão do aparato jurídico regulado pelo poder soberano ameaça chegar ao ponto máximo, o que permite a seguinte conclusão: todos nós somos, potencialmente, homens matáveis e insacrificáveis (que não deve ser colocado oficialmente à morte).

O fato é que, de qualquer forma, revelou-se inútil afastar e solapar este impulso mimético de que ao longo do trabalho se tratou, que é precípua dos seres humanos e da civilização, como se viu, e que resvala invariavelmente na animalidade e no sofrimento.

Na esteira adorniana de pensamento, talvez o aprendizado do homem, no esteio da alegoria do amadurecimento de Ulisses, é o da premência do acolhimento de seu lado sombrio para integrá-lo à convivência humana. É necessária, desta forma, uma reunião das conquistas do espírito e da vulnerabilidade humana da existência orgânica. A conjugação da *bios e da zoé*. Papel, segundo Schweppenhäuser e G. Schmid Noerr²⁰, do impulso moral²¹.

... que Auschwitz não se repita²².

É possível que seja esta a máxima extraída da experiência dos campos de concentração. O mais assustador: na linha de pensamento de Walter Benjamin, Giorgio Agamben observa que, em nosso tempo, o estado de exceção se tornou a regra podendo-se observar, dos contextos políticos de vários países, uma verdadeira convergência entre os regimes totalitários e democráticos pelo seu quase idêntico tratamento ao homem²³. Veja-se, neste sentido, a prisão mantida pelos Estados Unidos da América em Guantânamo e o tratamento penitenciário dispensado aos segregados na China. O paradigma do campo de concentração, desta forma, é muito mais atual do que se imagina.

Adorno, no texto *Educação após Auschwitz*, indica, dentre outros, a contraposição ao poder cego do coletivo, fortalecendo a resistência por meio do esclarecimento do problema da coletivização como forma mesmo de enfrentamento e de se evitar a repetição dos campos.

Igualmente à Giorgio Agamben, as tentativas de fundamentação e de justificação tradicionais não são satisfatórias para entender o maior campo de concentração de Hitler. Em sua obra *O que resta de Auschwitz*²⁴ Agamben investiga as dificuldades do testemunho de Primo Levi em um espaço em que não há qualquer referência básica de humanidade, em uma anomia absoluta em cujo contexto a vida não é preservada.

Além do significativo testemunho neutro de Primo Levi e da ausência da linguagem nas figuras dos “muçulmanos” a relevância do trabalho de Agamben é, na esteira do pensamento da experiência e amadurecimento da civilização, o de *repensar o papel da ética* no combate a todas as formas de discriminação, racismo e preconceito.

²⁰ Jeanne Marie Gagnebin. *Uma filosofia moral negativa?* Kriterion: Revista de Filosofia. Vol. 29, nº 117. Belo Horizonte. 2008.

²¹ Conceito, conquanto instigante, merecedor de um desenvolvimento próprio, do qual não se ocupará, em razão da proposta inicial do trabalho.

²² Theodor Adorno. *Educação após Auschwitz*. www.geocities. Filosofia, 2009.

²³ Idem nota 18 de rodapé.

²⁴ Boitempo Editorial. São Paulo. 2008.